



PARALAPRACÃ



AVANTE
EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL

Os Cadernos de Experiências são materiais pedagógicos do programa Paralapracá destinados a profissionais que trabalham na Educação Infantil. Eles fazem parte da Coleção Paralapracá. Cada caderno aborda um eixo formativo – assim como a série de vídeos que também compõe a coleção – e visa apoiar os educadores na sua prática.

Este material foi elaborado a partir dos registros de professores e coordenadores pedagógicos, compilados durante a primeira edição do Paralapracá, que aconteceu entre 2010 e 2012, nos municípios de Feira de Santana·BA, Jaboatão dos Guararapes·PE, Campina Grande·PB, Teresina·PI e Caucaia·CE. Nas próximas páginas, há uma série de experiências vivenciadas pelos profissionais, crianças e seus familiares e comentadas por especialistas na área, a fim de explicitar questões teóricas, validar, problematizar e sugerir novas práticas pedagógicas a partir do que foi realizado.



DICAS



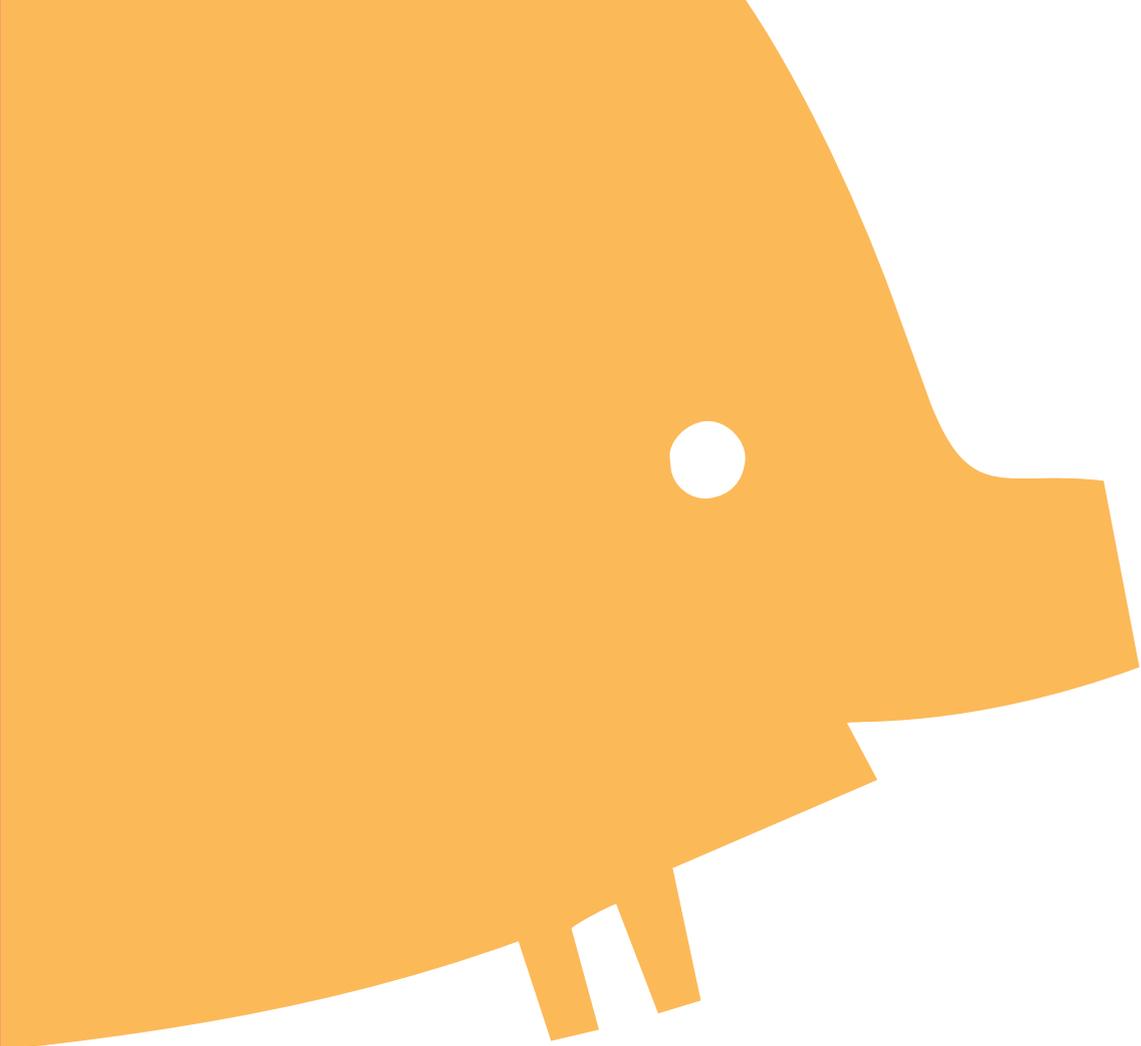
SAIBA MAIS



EDUCADOR



ESPECIALISTA



PARALAPRACĂ

O Caderno de Experiências *Assim se Organiza o Ambiente* é uma publicação do programa Paralapracá. O programa é uma frente de formação de profissionais da Educação Infantil criada em 2009, por meio de uma parceria entre a Avante – Educação e Mobilização Social e o Instituto C&A.

O Paralapracá foi implementado em diversos municípios e teve sua eficácia reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC) em 2015, quando passou a integrar o Guia de Tecnologias Educacionais do MEC. O programa é uma metodologia da Avante, passível de ser implantada em regime de parceria em qualquer localidade brasileira.

Esta publicação faz parte da Coleção Paralapracá e está licenciada sob a Licença Creative Commons Atribuição Internacional 4.0 (CC BY 4.0). Para ver uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR> ou envie uma carta para Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA, 94042, Estados Unidos.

Realização

Avante – Educação e Mobilização Social
Instituto C&A

Concepção

Avante – Educação e Mobilização Social

Equipe de elaboração da Coleção Paralapracá**Coordenação editorial**

Mônica Martins Samia

Autoria

Mônica Martins Samia

Coleta de experiências pedagógicas

Maria Aparecida Freire de Oliveira Couto

Fabíola Margeritha Bastos

Janaina G. Viana de Souza

Iany Bessa

Lilian Galvão

Seleção de experiências pedagógicas

Milla Alves

Mônica Martins Samia

Revisão técnica da 1ª edição

Maria Thereza Marcilio

Revisão de estilística

Clarissa Bittencourt de Pinho e Braga

Atualização de conteúdos da 2ª edição

Mônica Martins Samia

Revisão técnica da 2ª edição

Janine Schultz

Produção editorial da 2ª edição

Sandra Mara Costa

Revisão ortográfica

Mauro de Barros

Projeto gráfico, editoração e ilustrações

Santo Design



Sumário

Apresentação	7
Assim se organiza o ambiente	9
Dialogando com as práticas	11
Práticas comentadas	17

Apresentação

A palavra “assim” pode indicar as diversas possibilidades de se fazer algo, a depender do contexto que este “algo” acontece e das pessoas que dele participam. No Paralapraca, “assim” representa a diversidade de fazeres e saberes encontrados nas mais de cem instituições de Educação Infantil que participaram da primeira edição deste programa de formação. O objetivo dos Cadernos de Experiências do Paralapraca é compartilhar as práticas vivenciadas e também realizar um diálogo entre teoria e prática, com vistas a se constituir em um material formativo.

A primeira edição do Paralapraca transcorreu entre os anos de 2010 e 2012 e trouxe uma proposta de formação continuada para profissionais da Educação Infantil tendo como base seis eixos formativos relevantes no currículo deste segmento: *Assim se Brinca*, *Assim se Faz Arte*, *Assim se Faz Música*, *Assim se Faz Literatura*, *Assim se Explora o Mundo* e *Assim se Organiza o Ambiente*. A iniciativa foi implementada em instituições de Educação Infantil de cinco municípios de diferentes Estados da região Nordeste do Brasil:

- Campina Grande • PB;
- Caucaia • CE;
- Feira de Santana • BA;
- Jaboatão dos Guararapes • PE;
- Teresina • PI.

A formação continuada provida pela ONG Avante – Educação e Mobilização Social, parceira do Instituto C&A na criação do Paralapraca, bem como o acompanhamento do trabalho das instituições de Educação Infantil que participaram da iniciativa, permitiu o registro e a sistematização

de suas práticas pedagógicas e produções culturais. Parte das experiências retratadas pelos profissionais foi, então, transformada nesta nova série de cadernos.

Os caminhos percorridos e registrados revelaram as mudanças ocorridas, os resultados e a reflexão sobre as práticas e as concepções de infância e de Educação Infantil que, por sua vez, foram sendo revisitadas, problematizadas e reconstruídas no percurso. Os registros indicam um caminho trilhado, não um ponto de chegada. Foi muito importante documentar este processo formativo para aqueles que dele participaram. Por meio desse recurso, tem-se a oportunidade de ajudar outros interlocutores a vislumbrar e a pensar sobre novas possibilidades e novos percursos.

É possível que, ao degustar o material, se identifiquem distâncias entre o dito e o vivido, o teorizado e a prática, o desejado e o realizado. No Paralapraca, assumimos que essas distâncias são parte inerente do processo e as consideramos provocativas. Nós esperamos que elas fomentem um ambiente reflexivo, assim como o olhar criterioso e diverso na busca de práticas pedagógicas mais coerentes, conscientes e possíveis.

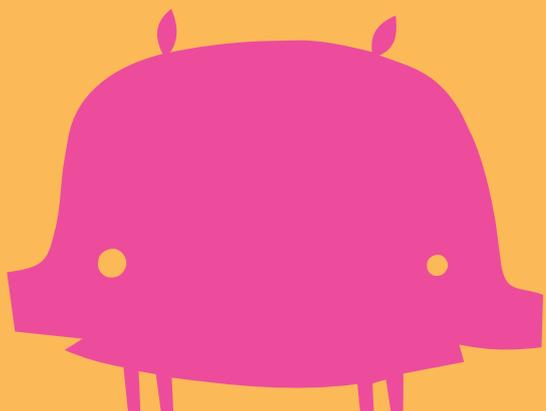
Apresentamos os seis eixos formativos em separado nos Cadernos de Experiências, mas como linguagens e elementos curriculares eles se integram, e isso é explicitado muitas vezes nos registros. Este é um alerta necessário para manter os profissionais atentos ao enfoque integrado que deve caracterizar o currículo da Educação Infantil.

Esperamos que, acima de tudo, esta publicação seja capaz de apontar caminhos possíveis para outros educadores e que estes possam se inspirar e conhecer um pouco da trajetória daqueles que escreveram a história do Paralapraca em sua primeira edição. Ela expressa os valores e o reconhecimento da Avante e do Instituto C&A de todo esse processo de reflexão e transformação pelas quais diversas redes municipais de educação e seus profissionais passaram no decorrer da formação.

Assim se organiza o ambiente

A criança não brinca numa ilha deserta. Ela brinca com as substâncias materiais e imateriais que lhe são propostas. Ela brinca com o que tem à mão e com o que tem na cabeça. Os brinquedos orientam a brincadeira, trazem-lhe matéria. Algumas pessoas são tentadas a dizer que eles a condicionam, mas então toda a brincadeira está condicionada pelo meio ambiente. Só se pode brincar com o que se tem, e a criatividade, tal como a evocamos, permite justamente ultrapassar esse ambiente, sempre particular e limitado. O educador pode, portanto, construir um ambiente que estimule a brincadeira em função dos resultados desejados. Não se tem certeza de que a criança vá agir, com esse material, como desejaríamos, mas aumentamos assim as chances de que ela o faça...

BROUGÈRE, 1995, P. 105



Ao longo da trajetória do Paralapracá, muitos depoimentos, registros e práticas indicam que o eixo *Assim se Organiza o Ambiente* foi um disparador para se pensar sobre a importância desse componente curricular no desenvolvimento das crianças, como demonstra Marluce Duarte Catão, da Creche Municipal Isabele Barbosa da Silva, em Campina Grande · PE:

É no espaço físico que as crianças conseguem estabelecer relações entre o mundo e as pessoas. Os ambientes das instituições de Educação Infantil devem respeitar as necessidades de desenvolvimento das crianças em todos os seus aspectos, considerando cada faixa etária.

Mas o ambiente é importante também como elemento de mudança nas relações entre professores e crianças, entre os demais profissionais da instituição e em uma maior aproximação dos pais, como será visto a seguir. A dimensão relacional do ambiente trata da qualidade das relações estabelecidas, do bem-estar emocional e da implicação das crianças nas atividades realizadas, bem como do respeito aos seus desejos e preferências. Este foi um elemento presente em todo o processo formativo e reverberou na prática, por meio de uma escuta mais atenta e sensível às crianças, um reconhecimento da importância de toda a comunidade escolar para a construção de um

ambiente acolhedor, seguro e estimulante. É o que nos conta a assessora Cida Freire, de Jaboatão dos Guararapes · PE:

Um indicador da presença do Paralapracá tem sido o respeito que as pessoas que trabalham na instituição estão demonstrando em relação às crianças. Percebemos que a criança tem sido o centro das ações e a instituição está se organizando tendo em vista garantir um melhor espaço para elas. São coisas simples — como colocar a Educação Infantil num espaço mais reservado e melhor, ou tirar a metade das mesas para criar espaços para outros ambientes —, situações que revelam uma preocupação diferenciada com a qualidade do atendimento.

RELATÓRIO DE MONITORAMENTO/2012

Mudança foi mesmo a palavra de ordem nesse eixo formativo. E o mais importante é que não se trata de mudanças apenas nos espaços, mas os relatos apontam que a maneira de olhar mudou; a atitude diante dos desafios mudou, com maior flexibilidade e habilidade para o enfrentamento das dificuldades; efetivaram-se ajustes na estruturação da rotina; e nem mesmo a falta de espaço foi empecilho para mudar o ambiente. Grandes conquistas, muitas vezes realizadas com atos simples. É o que vamos ver a seguir.

Dialogando com as práticas

Um lugar para os bebês



Quando mostramos um respeito profundo por aquilo que a criança faz, por aquilo que ela se interessa — mais por ela mesma que por seus atos —, todas as nossas ações se tornam impregnadas de um conteúdo que enriquece a personalidade: desenvolve segurança afetiva, a consciência e a autoestima das crianças.

FALK, 2004, P. 45

Saber interagir com os bebês, conhecer suas necessidades e organizar um ambiente adequado ao seu desenvolvimento são desafios que se colocam cada vez mais de forma intensa aos profissionais que atuam na Educação Infantil, em especial na creche, tendo em vista a ampliação da oferta para esse tipo de atendimento.

São saberes específicos que permitem a estruturação de espaços de aprendizagem, sem que isso, no entanto, represente marcas de escolarização incompatíveis com as demandas dessa faixa etária. Tanto em relação ao espaço quanto à rotina, há que se buscarem modos próprios de construir um ambiente adequado para essa etapa tão singular da vida da criança.

À medida que as reflexões sobre a organização de ambientes foram acontecendo nas formações do Paralapraca, muitas mudanças ocorreram nas instituições de Educação Infantil parceiras, nas diversas dimensões do ambiente elencadas por Forneiro (1998): espacial, relacional, funcional e temporal.

Algo mudou na forma de olhar esses ambientes e como as crianças interagem e reagem diante deles. Quem ajuda a contar esta história são



a professora/formadora Shirley Rachel Souza S. Souto, da Creche Marcos Freire, e a coordenadora Amanda Pereira Sales, da creche Mundo Encantado:

O projeto veio pra gente refletir: se as crianças estão sempre se movimentando, estão sempre tão atentas a tudo e a todos, como eu devo lidar com tudo isso? Como devo atuar diante disso? O grande desafio é a gente se colocar no lugar das crianças. Se a gente se coloca no lugar delas quando elas esperneiam, quando elas choram, a gente vai compreender: ah, tem razão de estar chorando o tempo todo nesse berço.

JABOATÃO DOS GUARARAPES · PE



O registro evidencia que foi possível compreender o quanto a forma de estruturar o espaço incide sobre a dimensão relacional do ambiente. O choro, por exem-

plu, pode ser uma reação, ou melhor, uma expressão de emoções negativas, como a sensação de abandono ou um desejo de interagir em outros espaços. Além disso, “colocar-se no lugar” é uma atitude fundamental para profissionais que atuam nessa faixa etária, tendo em vista os limites relativos à linguagem oral. Nesses casos, o corpo fala mais alto e é preciso aprender a ouvi-lo.

A partir desse “novo” olhar, muitas transformações ocorreram, algumas delas aparentemente simples, mas que demonstram uma mudança significativa na importância que se dá a cada material ou móvel que compõe o espaço e a interferência direta que têm nas possibilidades e nos limites colocados aos bebês. O espaço ocupado pelos berços é um exemplo dessa reflexão:

Refletindo sobre essas questões e as mudanças no ambiente, conseguimos retirar dois berços da sala. Uma das professoras percebeu a necessidade de maior locomoção das crianças e afastou os berços para que elas pudessem andar por entre eles.

CRECHE MUNDO ENCANTADO, JABOATÃO DOS GUARARAPES · PE



-  Segundo Forneiro (1998, p. 235), a dimensão relacional refere-se às diferentes relações que se estabelecem no espaço:
- diferentes modos de acesso;
 - normas e o modo como se estabelecem estas relações;
 - diferentes agrupamentos para a realização das atividades;
 - participação do professor nos diferentes espaços.

“No berçário, por exemplo, a gente tinha uma lógica, aquela ideia: o bebê vai comer, vai dormir. A ideia que se sobressai é a de cuidar. Agora temos um túnel, o tapete fazendo parte do berçário, que antes era só de berços. Hoje os berços são usados só para dormir, no horário que é para dormir”.

CRECHE MARCOS FREIRE, JABOATÃO DOS GUARARAPES · PE



O sono é, sem dúvida, um momento muito importante na vida da criança, essencial para seu desenvolvimento saudável. Mas é preciso estar atento a como este momento está organizado na creche e como os espaços se estruturam para tal. Nas práticas citadas, os berços ocupavam espaço demais e limitavam as outras atividades. Além disso, uma importante pergunta a se fazer é: por que ter o número de berços igual ao número de crianças? Afinal, todas dormem sempre no mesmo horário? Vejamos o que dizem os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil sobre isso:

Os horários de sono e repouso não são definidos *a priori*, mas dependem de cada caso, ou de cada tipo de atendimento. A frequência em instituições de Educação Infantil acaba regulando e criando uma constância. Mas é importante que haja flexibilidade de horários e a existência de ambientes para sono ou para atividades mais repoussantes, pois as necessidades das crianças são diferentes.

1998, p. 60

Outro questionamento importante a fazer é: será que o berço é o único local adequado para dormir? Em visita às creches municipais de Jundiaí · SP, a equipe do Paralapraca conheceu os “ninhos”. Um mobiliário diferente, mais acolhedor, que promove mais autonomia à criança e não ocupa tanto espaço. É o que nos conta Ana Teresa Gavião Mariotti, especialista na área:

A Proposta Curricular da Educação Infantil de 0 a 3 anos de Jundiaí considera o espaço como elemento importante para a garantia da qualidade no atendimento às crianças pequenas. Entendemos que o espaço é revelador dos princípios pedagógicos: da concepção de criança — sujeito de direitos e potencialidades — e da concepção de cuidar e educar nas creches.



A atenção, o interesse, enfim a atitude de cuidado do educador (ou a alienação, a negligência e o descuido) podem ser percebidos pelos bebês e crianças pequenas por meio do olhar, dos gestos, da postura corporal, do tom de voz, das palavras empregadas, do ritmo e sequência das ações e procedimentos realizados pelo professor e da forma como ele organiza o ambiente que constitui, o que se denomina “linguagem do cuidado”. As crianças sentem-se cuidadas, ou seja, acolhidas, amparadas, reconhecidas em suas inquietações, necessidades e desejos pela forma como os professores organizam o ambiente e interagem com elas, durante todos os momentos que realizam cuidados elementares, mas essenciais ao conforto, proteção, nutrição, crescimento e desenvolvimento integral e saudável.

MARANHÃO, 2010



É importante pensar uma sala com áreas para brincar, objetos de manipulação e livre para a circulação das crianças. A retirada dos berços possibilita a organização desse ambiente. As crianças, assim que acordam, não dependem de um adulto para retirá-las do berço, mas podem se movimentar, engatinhar e procurar um brinquedo. Ou seja, este ambiente pode permitir às crianças fazer escolhas e assumir pequenas decisões.

O espaço, assim como a rotina, deve ser da criança e para a criança. Por isso, as áreas do brincar são prioridades, e os colchões e ninhos podem ser organizados nos momentos do descanso. A creche precisa ser um local especial: provocador de aprendizagens, rico de desafios e produtor de relacionamentos.

No ato de colocar ou não as crianças nos berços, de disponibilizar ou não objetos à sua altura, de acolher ou não sua presença no espaço, os adultos dizem o que pensam sobre elas e o que esperam de suas relações. De forma não verbal os adultos se posicionam frente aos bebês, acreditando ou não em suas potencialidades comunicativas e relacionais, pela forma como organizam o espaço para elas e para suas relações com elas.

SCHMITT, 2008, P. 124

Pensando ainda nas intencionalidades e na visão do educador sobre a criança, a equipe da Creche Mundo Encantado também reconheceu como o espaço precisa se constituir em um lugar da criança, onde ela se identifique e o torne seu. Esse pertencimento é uma variável importante na constituição da identidade dos bebês e no conforto e segurança que sentem em determinado espaço. Vejamos o que pensam e o que fizeram as professoras:

“Criança de creche sempre compartilha tudo. Em se tratando das crianças de berçário, percebemos que elas ficam até sem referência. Saem de casa (seu ambiente seguro) para passar o dia inteiro com várias crianças da sua idade e com adultos desconhecidos e que não permanecem com elas o dia todo (pois existe a troca de turno e elas ficam na creche). Sem contar os objetos pessoais que são compartilhados. Nada contra di-



vidir, mas, além da chupeta e da sua bolsa, o que os bebês (de até 1 ano) têm de pessoal? Realizamos muitas atividades no coletivo e eles ficam sem uma referência pessoal na creche. Para que tenham algo ‘seu’, decidimos colocar uma foto ampliada de cada um em um local para que se sintam parte da sala, se reconheçam e percebam os coleguinhas. Colocamos também um espelho onde, com regularidade, as crianças vão se ver e ver o outro.

Colocar o espelho não foi fácil. Esbarramos em alguns questionamentos: convencer o conselho escolar a comprar espelhos; depois foi pensada a questão da segurança, pois poderia quebrar e machucar os pequenos. Porém, com um diálogo saudável, embasado em teorias e estudos, conseguimos executar nossa proposta. Hoje até os pais elogiam a sala e, inclusive, o espelho. Mas o mais importante é o desenvolvimento proporcionado às crianças”.



Com atitudes como estas, as professoras dessas creches vão ensinando como construir um ambiente seguro, acolhedor e em constante movimento, onde objetos e mobiliários não são categorias estáticas, mas se transformam e se adaptam a partir do olhar atento, inquieto e sensível dos adultos.



O espelho é um importante instrumento para a construção da identidade. Por meio das brincadeiras que faz diante dele, a criança começa a reconhecer sua imagem e as características físicas que integram a sua pessoa. É aconselhável que se coloque na sala um espelho grande o suficiente para que várias crianças possam se ver de corpo inteiro e brincar em frente a ele.

RCNEI, P. 33

Essa visão antiga, que mais se parece com a visão de internato, foi sendo modificada. Decidimos e fizemos o planejamento, e tudo vai se modificando: o berçário, as outras salas, o espaço lá fora. Nossa meta agora é fazer uma trilha, já temos tudo planejado como vai ser. A trilha vai percorrer a creche toda e no meio do caminho vamos colocar uma casa, vamos colocar uns desafios e, no final, ficará a horta. Aqui tem muito movimento!

CRECHE MARCOS FREIRE



Práticas comentadas

Com a mão na massa



KARINE DA CRUZ COSTA PROFESSORA

PRÉ-ESCOLA MUNICIPAL CORIOLANO FARIAS DE CARVALHO,
CRIANÇAS DE 3 A 5 ANOS, FEIRA DE SANTANA - BA

Particpei das formações relacionadas ao eixo *Assim se Organiza o Ambiente* e me senti desafiada a mudar a organização da minha sala. Os vídeos e as leituras propostas pela coordenadora me fizeram refletir e me instigaram a experimentar mudanças no espaço.

Muitas ideias foram surgindo enquanto eu via o vídeo, fiz algumas anotações e não conseguia parar de pensar na minha sala. Nossa coordenadora propôs que pensássemos em mudanças possíveis em nosso ambiente para curto, médio e longo prazos. Juntamente com as colegas, traçamos algumas possibilidades. Comecei a pensar a respeito do que era possível fazer sozinha para organizar melhor o ambiente da minha sala. Mudei alguns móveis de lugar e a sala já pareceu ter mais espaço.

Aproveitei um dia com baixa frequência e fiz a proposta para as crianças me ajudarem a separar os brinquedos por temática. Expliquei que tudo misturado não estava legal, que não podíamos escolher uma brincadeira no meio daqueles brinquedos misturados. Assim, derramamos o balde de brinquedos e eu ia perguntando que tipo de brinquedo era e onde deveríamos colocar:¹ panelas?... na cozinha; a banheira?... per-



1 Esse tipo de experiência promove oportunidades para as crianças classificarem os materiais e pensar em critérios para tal!



to das bonecas; carrinhos?... todos juntos. Foi uma confusão! Algumas crianças pareciam não entender a lógica de estarmos separando os brinquedos e, por vezes, as mesmas crianças jogavam tudo de novo dentro do balde.

Pensei em desistir, pois foi desgastante explicar a mesma coisa tantas vezes!² Foi um começo difícil. Arrasta daqui, arrasta dali... no final da manhã a sala parecia outra. As crianças pareciam desconfiadas, olhavam as coisas e não mexiam.

Não mudei a decoração, mudei as coisas de lugar. E pareceu que fiz muitas coisas... Coloquei uma estante de aço (que estava na sala encostada na parede) como divisória. Assim foram criados dois espaços: na frente a cozinha e ao fundo o teatrinho de fantoche. Uma prateleira para telefones e teclados, duas prateleiras para carrinhos e as mais altas estão servindo para organizar o material escolar. Montei uma minicozinha com fogãozinho, geladeira, micro-ondas e uma mesa; no balde colocamos os brinquedos de cozinha (pratinhos, garfinhos, panelas, frutas e verduras). Conversei com as auxiliares da limpeza que eu tinha lido uns textos que me motivaram a reorganizar os espaços na sala e pedi que elas conservassem assim na hora da limpeza. Uma delas ao ajudar disse: “Olha ali, tá parecendo uma cozinha”. E eu respondi: “A ideia é essa!”³

Os móveis, afastados das paredes, ajudaram a dividir melhor os espaços. Retirei o alfabeto que estava na frente do quadro tomando muito espaço e coloquei nas costas do armário apenas as letras iniciais das crianças. Aproveito a rodinha para elas identificarem a letra inicial todos os dias. Como são poucas letras, pretendo sempre mudar a posição em que estão para que elas desenvolvam a percepção e não fiquem colo-

2 Que bom que a professora não desistiu! As primeiras propostas que envolvem maior autonomia e poder de decisão das crianças podem mesmo ser desgastantes e aparentarem certa confusão. Mas não é só com as crianças que isso acontece. Entretanto, se apostarmos que essas situações são parte de um processo de aprendizagem, podemos até nos surpreender com os resultados, pois as crianças rapidamente demonstram muita habilidade e comprometimento em organizarem os materiais, dando e aceitando sugestões. E o que é mais importante: sentem que aquele espaço é seu.

3 Certamente, é possível realizar mudanças na sala sem o envolvimento de outras pessoas da instituição, mas também não há dúvidas de que, quando se trata de um projeto coletivo ou quando se pode contar com a colaboração de outras pessoas, o trabalho se amplia e enriquece. Por vezes pensamos que as pessoas não estão muito “dispostas” a colaborar, mas será mesmo?



cando a mão na letra só porque decoraram o lugar em que a letra está.

Faço a rodinha geralmente na frente do quadro. Este espaço está sendo muito útil para fazer o registro do número de crianças, destacar o ajudante, fazer a leitura da listagem de nomes, compartilhar as leituras do dia. Falta mudar a fita métrica de lugar, pois está muito perto do lixo. Acho melhor em outro lugar.

Na frente do armário coloquei uma mesa e combinei com eles que ali seria o escritório. Desta forma, quando pegarem o telefone e o computador, se quiserem, podem sentar ali. Na frente do espelho coloquei as embalagens de cosméticos, pentes, escovas, secador, bolsas. Este é o espaço da beleza, onde as meninas brincam de faz de conta, lavam o cabelo, passam creme e perfume, e os meninos participam timidamente. Coloquei livrinhos e jogos dentro de caixas, em lugares acessíveis, e pedi que tivessem o cuidado de guardar quando terminarem a leitura.⁴

O colchonete que sempre quis trazer para a instituição agora fica perto da caixa de histórias. Interessante que, no dia em que estava arrumando a sala, uma menina se encontrava sonolenta. Então peguei um tapete e algumas almofadas, e ela dormiu depois do lanche até a saída. Depois da formação e dessa situação, eu tinha os argumentos perfeitos para trazer o colchonete.⁵

Algumas garrafas PET estão servindo de boliche, fiz um triângulo no chão e uma linha de distância para elas brincarem. Colocamos os animais todos próximos num cantinho.

Estou pensando em criar uns combinados para a utilização do espaço, como eu vi em uma visita com as crianças, em um passeio à brinquedoteca da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Não fiz tudo em um dia só. As mudanças acontece-



4 Segundo Forneiro (1998), “as áreas devem estar claramente delimitadas, de modo que as crianças possam distinguir facilmente os limites de cada uma. Isso não significa que tenham que ser compartimentos estanques, mas uma clara delimitação contribui para a organização mais definida do espaço, o que, por sua vez, favorece a sua utilização autônoma pelas crianças, para que possam construir mentalmente o espaço”.

P. 257



5 O olhar observador e sensível da professora permitiu que ela percebesse uma necessidade das crianças e criasse uma área destinada para o momento do descanso. Observe que as crianças não têm que dormir todas ao mesmo tempo, mas que aquelas que necessitam têm um espaço reservado para tal.



ram ao longo de duas semanas⁶. Pude observar algumas crianças de outras turmas olhando pela janela com curiosidade, algumas colegas entravam, perguntavam alguma coisa, olhavam, mas não diziam nada. O olhar delas me causou inquietação: o que será que estão pensando? O que será que estão vendo? O que acharam? Na hora da saída, um menino de outra turma entrou correndo para usar o banheiro de minha sala. Primeiro ele olhou tudo... (eu estava de longe observando ele) entrou devagar... depois que saiu do banheiro, parou na frente de uma estante onde os carrinhos estavam dispostos e brincou um pouco.

Durante a semana ouvi alguns comentários: “Sua sala ficou joia!”, “Parece que você internalizou o vídeo!”. Tenho a impressão de que aqueles olhares curiosos se tornaram olhares de aprovação.

Agora estou entendendo um pouco mais sobre o espaço e acredito que as formações do Paralapraca, as contribuições teóricas e as leituras sugeridas pela coordenadora estão contribuindo significativamente para as mudanças na minha prática.



6 Esta é uma atitude importante! Porque, quando temos pressa em “deixar tudo arrumado”, geralmente diminuímos as possibilidades de participação das crianças e até mesmo dos demais membros da instituição e da família.



ARQUIVO MÔNICA SAMIA

Revolução para lá pra cá



LIANA SOARES COORDENADORA

MARIA FRANCISCA DO NASCIMENTO GESTORA

CORINA DE PAULA ARAÚJO SUPERINTENDENTE ESCOLAR,

SUBSTITUTA DA COORDENADORA NO EIXO ASSIM SE ORGANIZA O AMBIENTE

CMEI ROSEANA MARTINS, CRIANÇAS DE 3 A 5 ANOS, TERESINA · PI

O CMEI Roseana Martins mudou de cara após as formações do Paralapraca, o que permitiu a todos compreender que brincadeira é algo que deve ser proporcionado diariamente na rotina das crianças durante a Educação Infantil.

As mudanças ocorridas são fruto de uma profunda reflexão sobre prática pedagógica da instituição e da qualidade da educação oferecida diariamente às crianças. Esta reflexão surgiu durante os encontros formativos do Paralapraca, em que foram priorizados o compartilhamento de ideias e a busca por encontrar coletivamente maneiras de utilizar os espaços da instituição, a fim de proporcionar mais atividades lúdicas para as crianças.⁷

Logo na entrada do CMEI está organizado um cantinho, pensado para aproximar os pais do ambiente escolar, denominado “Enquanto meu filho não sai”.⁸ Neste local ficam disponíveis revistas, livros, textos informativos, receitas diversificadas e muitos outros materiais, com o objetivo de não só manter os pais informados, mas também de entretê-los enquanto aguardam a saída dos filhos e de aproximá-los da instituição para melhor compreenderem a rotina diária dos filhos. O cantinho foi pensado e montado pela superintendente escolar Corina de Paula, na época coordenadora substituta, e organizado com a ajuda da gestora, dos professores e da comunidade, que contribuiu doando bancos, materiais impressos e cai-

 **7** Uma das principais contribuições do processo formativo acontecer sistematicamente dentro das instituições é que as aprendizagens ocorrem a partir da reflexão sobre problemas reais, contextualizados. Isso possibilita tomada de consciência e tomada de decisão. Ou seja, a formação promove, efetivamente, melhorias na qualidade da educação oferecida.

 **8** Refletir sobre a organização dos espaços do CMEI, pensando não só nas crianças, mas também em como aproximar os pais e, ao mesmo tempo, informá-los, foi uma iniciativa muito pertinente. Sabemos que a relação família e escola deve ser fortalecida, e iniciativas como esta aproximam e, ao mesmo tempo, promovem a socialização de informações e da rotina da instituição.



xas para organizar os registros. No início, os pais ficaram um pouco arredios, mas depois foram se aproximando e até ajudando na construção do espaço. Teve um pai que disse: “Esse espaço está tão bonito, que eu vou doar um banco para acomodar melhor as pessoas”. Nesse espaço tem também o “Socializando”, que é uma caixa onde os pais colocam receitas ou coisas que leram e acham interessante. “Eu pesquiso também coisas sobre o desenvolvimento e o cuidado das crianças e coloco aqui para dar mais um embasamento para eles. Outra coisa que eu coloco aqui são histórias, para que leiam e contem para o filho”, disse Corina de Paula, que coordenou esta iniciativa. O resultado foi surpreendente!

Além disso, pensando em formas de envolver os pais, ajudando-os a compreender as mudanças ocorridas na instituição com a chegada do projeto, convidamos um grupo para participar das formações com os professores. Levamos para a formação um número de pais que desse para fazer a disseminação das informações. A partir daí eles conversavam com outros no cantinho “Enquanto meu filho não sai”. Aí o Paralapraca passou a ser ainda mais compreendido. “Maravilhoso!”, comentou Marlene V. Pereira, mãe de crianças de 3 e 5 anos. “Foi muito emocionante participar, porque me lembrei de quando eu era criança e frequentei a creche, porque essas coisas marcam muito. Para a criança, principalmente, é muito importante brincar, conversar, como eu vi no dia da formação.”⁹

Graças ao aprendizado adquirido durante as formações e à colaboração de todos que fazem parte do CMEI, atualmente crianças, pais e professores desfrutam diariamente de diferentes espaços projetados para garantir a integração de todos, a felicidade dos pequenos e o aprendizado de forma prazerosa.

Outra ideia gerada a partir do eixo *Assim se Orga-*



9 Muito importante esta iniciativa de envolver os pais nesse processo de mudança! Os profissionais desse CMEI compreenderam que a família é parte da instituição e que tem direito, e não só dever, de acompanhar as propostas feitas para seus filhos. Inserir os pais em alguns encontros de formação do Paralapraca foi mesmo uma iniciativa muito produtiva, pois este é, sem dúvida, um jeito de fomentar sua participação crescente e de os ajudar a compreender os propósitos e sentidos do trabalho que a instituição desenvolve. No capítulo sobre cultura colaborativa do Caderno de Orientação O Coordenador Pedagógico e a Formação Continuada, da Coleção Paralapraca, é possível aprofundar esse tema.



niza o Ambiente foi a construção de uma casinha para incentivar a leitura de forma ainda mais atrativa. A casinha, conhecida como “Casa do Conto”, foi primeiramente feita de papelão e tecidos diversificados, porém, devido ao seu uso constante, logo desmoronou, o que resultou em um novo projeto de construção, muito mais resistente e durável. A nova casa, feita de madeira, foi construída pelo vigia Francílio de Oliveira França, com a ajuda material dos professores, dos gestores e dos pais. Apesar de o novo material dificultar a circulação da casinha a outros espaços da instituição, esta esboça mais beleza e resistência, permitindo maior uso e exploração do material pelas crianças, que se encantaram com esse recurso literário.¹⁰ A casinha agora é conhecida com a “Casa do Conto II”.

10 Encantamento! Que palavra importante quando refletimos na forma como o ambiente pode ser um promotor de aprendizagens. Encantar-se é o primeiro passo para desejar aprender. Neste sentido, a Casa do Conto é um exemplo importante de como a aprendizagem da leitura e da escrita pode acontecer de forma intencional, lúdica e potente.



O balanço do tio José



E as mudanças não param por aí. Movidos ainda pelas formações anteriores do Paralapraca e impulsionados pela formação do eixo *Assim se Organiza o Ambiente* e também pelo desejo de proporcionar mais opções de lazer para as crianças, os olhos se voltaram para a construção de um parque¹¹, pois os espaços do brincar precisavam ser ampliados.

A instituição dispõe de amplo espaço externo, porém estes espaços se encontravam até então esquecidos devido ao forte sol na terra. Após refletir sobre o que poderia ser feito com esse espaço, utilizando materiais acessíveis e resistentes, veio a ideia de fazer um parquinho utilizando pneus velhos.¹²

Mais uma vez os pais entraram em cena e fizeram a doação de pneus usados, que foram pintados pelo vigia da instituição, o senhor José Pereira da Silva, com a ajuda das crianças.¹³ Este foi o primeiro passo! O segundo foi montar o parquinho, que também teve como responsável pela construção o vigia da instituição. Surgiu assim mais uma alternativa para o brincar das crianças.

O destaque do parquinho é um balanço de madeira. Devido ao forte sol de Teresina, teve que ficar dentro de uma casinha feita de tronco de árvores e coberta de palha. A ideia resultou num lindo e original balanço, que recebeu o nome de *Balanço do tio José*¹⁴, em homenagem ao vigia da instituição, que não mediu esforços para tornar

11 “Pensar o espaço educativo não se restringe, pois, a pensar a sala, espaço edificado, interno, mas a pensar que todos os espaços da instituição são extensões uns dos outros e, como tais, merecedores de um olhar mais aguçado e comprometido com as relações que ali se estabelecem.”

FERREIRA, 2011, P. 164

12 Na sua instituição também há espaços ociosos ou mal aproveitados? Pois, então, é hora de fazer uma análise desses lugares para ver se há possibilidade de transformá-los em ambientes de aprendizagem para as crianças.

13 O que o adulto não pode esquecer é que os espaços a serem por ele organizados, estruturados, são para as crianças, são das crianças. Dessa forma, implicam a participação delas nas decisões sobre os objetos/brinquedos que farão parte deles. Para isso, precisamos olhar para as crianças e escutar também o que não dizem. Escutar o que não dizem é perceber suas múltiplas expressões, reveladoras das particularidades de cada uma, que mostram sua forma de ver, sentir e pensar o mundo.

14 Este balanço pode ser considerado uma típica tecnologia nordestina, pois, com a utilização de materiais simples e próprios da região, se encontrou a solução para um problema sério em áreas externas e que muitas vezes impede a utilização do espaço: o calor.







esse sonho real: “Eu já estava me sentindo muito feliz e valorizado por ter sido convidado pela professora Corina para participar da formação. Quando ela me disse que o balanço receberia o meu nome, fiquei muito emocionado e feliz, pois para mim o que valia mesmo era a alegria das crianças se divertindo no parquinho”.

Autonomia no lanche



Outra manifestação positiva da comunidade do CMEI Roseana ocorreu também durante as reflexões na formação do eixo *Assim se Organiza o Ambiente*, quando em uma cena projetada no vídeo *Assim se Organiza o Ambiente* as crianças se serviam autonomamente na hora do lanche. Essa situação muito nos motivou a mudar a hora do lanche no CMEI.

Passamos a compreender que as crianças podem servir-se, num exercício claro de autonomia, demonstrando capacidade de conduzir ações por si próprias, levando em conta regras, sua perspectiva pessoal e a do outro.

Ao permitirmos que as crianças se servissem, possibilitamos a elas o entendimento de que a higiene, o cuidado e a limpeza pessoal e do espaço são princípios básicos para uma boa convivência social, seja na escola ou em casa. Essa iniciativa implicou outras mudanças no comportamento das crianças e na rotina, pois observamos que, depois dessa medida, elas passaram a ter noção do quanto costumam comer, e isso tem evitado o desperdício de alimentos, antes muito comum.¹⁵

Para a gestora Maria Francisca Ferreira do N. Silva, antes as crianças deixavam muita comida no prato, pois a merendeira não podia adivinhar quanto cada uma come. Assim ela padronizava uma quantia igual para todas. Hoje, como elas próprias se servem, colocam no prato apenas a quantidade de alimento que vão consumir, evitando desperdícios. Em apenas quatro semanas, as crianças se adaptaram à nova rotina.



15 Você já parou para pensar em como este tipo de atividade promove aprendizagens importantes para todos? Uma delas, por exemplo, é que precisamos acreditar verdadeiramente que as crianças podem, que são competentes e que aprendem pela experiência. Que tal experimentar propor algo que você não está tão certa de que as crianças podem fazer e dar tempo e oportunidade para ver o que acontece?



A ideia de oferecer o lanche na sala, deixando que as crianças se sirvam, não agradou a todos de início. Foi preciso tempo para que os benefícios viessem à tona. É o que conta Cleonice Evangelista de Lima, merendeira do CMEI: “No começo eu não gostei muito não, porque a gente tinha que levar a comida para que as crianças mesmas se servissem. Elas se sujavam, sujavam o local, era difícil. Agora eu vejo que isso é muito útil, pois hoje elas já se servem sem derramar nada no chão e aprenderam a ser mais organizadas, ficaram mais cuidadosas com as coisas. Hoje eu vejo que esse projeto foi o melhor que aconteceu nesta creche”.¹⁶

O Paralapraca foi o ponto de partida para estas conquistas, uma vez que o conhecimento proporcionado pelas formações e estudos relacionados ao projeto foi o impulso que gerou inquietações e reflexões, resultando na transformação do CMEI Roseana Martins.

Também em Teresina-PI, a equipe gestora do CMEI Joffre Castelo Branco arregaçou as mangas para resolver um problema de falta de espaço para brincar. Mobilizadas pelas reflexões nas formações do Paralapraca, a coordenadora Maria Helena F. Costa e a gestora Maria Teresa Fortes tiveram a ideia de transformar a quadra, até então sem nenhum atrativo, em um parque para as crianças. Para isso contaram com a colaboração dos professores e da comunidade. Conseguiram com o Corpo de Bombeiros algumas mangueiras e engates sem uso. A gestora e seu marido foram os mais engajados para tornar real este sonho. Recolheram pneus velhos, arranjaram as tintas para pintá-los e outros materiais que serviram para construir o parque. A coordenadora conta que, como resultado, as crianças se distribuem melhor nas duas áreas abertas do CMEI, além de ter havido redução de quase 100% dos acidentes e quedas.



16 Olha o resultado na aposta à capacidade das crianças!





Os conteúdos iniciais da educação das crianças pequenas apresentam uma profunda relação com a vida cotidiana. São, inicialmente, os conteúdos desta faixa etária: o alimentar-se, o lavar-se e o vestir-se, o descanso, o controle do corpo, o brincar, o jogar e o explorar a si mesmo e ao entorno, o separar-se e o reencontrar-se, o movimentar-se, o conviver com os demais e tantos outros conteúdos. Nessa perspectiva, as práticas sociais não são ações banais, pois são ações que envolvem emoção, desejo, corpo, pensamentos e linguagens. Os conteúdos da educação infantil têm como referência a aprendizagem das práticas sociais de uma cultura, isto é, as ações que uma cultura propicia para inserir os novos na sua tradição cultural.

BARBOSA, 2009, P. 83

Salas temáticas



ANA PAULA MOTA PROFESSORA E FORMADORA

ESCOLA MUNICIPAL IRACI RODOVALHO, CRIANÇAS DE 4 A 5 ANOS, JABOATÃO DOS GUARARAPES · PE

O ano de 2011 foi marcado por muitos desafios incitados pelo Paralapracá à Educação Infantil na nossa instituição. A cada encontro de formação, nossa equipe, pouco a pouco, foi despertada aos estudos aprofundados da área, às trocas de experiências e, com isso, à compreensão em torno do funcionamento da Educação Infantil a partir do brincar como eixo estruturador do desenvolvimento da criança, o que foi se tornando uma característica da identidade que o grupo estava construindo. Contudo, os desafios para executar a teoria na prática foram dando força às inquietações que cresciam no decorrer daquele ano. Tínhamos alguns membros da equipe engajados para efetivar ações inovadoras em suas práticas pedagógicas e outros que apresentavam uma compreensão de tudo o que era exposto nos encontros formativos, mas que no universo da sala se mostravam travados, limitados e presos a modelos obsoletos. Os materiais estavam sendo pouco utilizados e a ampliação da exploração do potencial criativo da criança, tolhida.

Diante da situação exposta, nossa gestora convidou a professora/formadora para conversar sobre a configuração do trabalho, a fim de pensar em estratégias alternativas para contagiar nosso grupo e romper com as posturas tradicionais e visões deturpadas da Educação Infantil como preparação para o Ensino Fundamental.¹⁷ Ao fim do ano, imbuídas das discussões propiciadas pelo eixo *Assim se Organiza o Ambiente*, a ideia de dar temas às quatro salas disponíveis para a Educação Infantil surgiu na tentativa de impulsionar ações condizentes ao que estávamos sonhando realizar



17 Esta é uma problemática enfrentada por muitos profissionais da Educação Infantil. A ideia de uma educação preparatória, focada no futuro da criança, é muito disseminada na sociedade e traduz a ideia da criança como um projeto, e não como um sujeito pleno de direitos com a peculiaridade de estar em formação. Assumir a criança como um sujeito pleno de direitos significa fundamentalmente pensar nela como tendo uma existência no tempo presente, com necessidades e demandas, desejos e ideias que precisam encontrar um ambiente de acolhimento, atendimento, cuidado e orientação. O foco não é o que ela vai ser depois, mas o que ela é agora, embora, com certeza, essas vivências terão implicações no futuro, não só na vida escolar, mas para toda a vida.



com nossas crianças, bem como de inquietar as profissionais que revelavam acomodação e falta de encorajamento para tentar o novo.

A ideia foi detalhada em um plano de ação para o ano de 2012. Teríamos quatro salas temáticas — Artes, Movimento e Audiovisual, Brinquedoteca e Atividades Gerais —, que funcionariam em esquema de rodízio, de modo que, diariamente, cada turma passaria por dois ambientes.¹⁸

Organizamos o plano e o apresentamos às professoras. Umas se inclinaram à aceitação, outras nitidamente expressavam resistência ao desapego da “minha” sala de aula.¹⁹ A discussão sobre a possibilidade apresentada de ser executada foi intensa, mas saímos da reunião com a aceitação de tentarmos nos lançar ao desafio de criar uma nova forma de organizar os espaços, com o cuidado de preservar o que é próprio da infância: o brincar.

18 Segundo Forneiro (1998), a dimensão funcional do espaço relaciona-se com suas diferentes formas ou possibilidades de utilização, a sua polivalência (diferentes funções que um mesmo espaço pode assumir) e o tipo de atividade à qual se destinam. Ao se deparar com limites na estruturação de espaços, a equipe dessa instituição encontrou uma forma criativa de estruturar os espaços de modo que atividades estruturantes para o desenvolvimento infantil fossem viabilizadas.

19 São muitos os termos utilizados na Educação Infantil que revelam o quanto o modelo do Ensino Fundamental está presente nesse segmento. A resistência em abandonar a “sala de aula” é revelador de como é difícil constituir uma identidade própria. E são múltiplas as razões para tal. O importante é que, com persistência e envolvimento, a equipe gestora conseguiu mobilizar boa parte dos profissionais para este projeto comum e, com isso, promoveu um diálogo mais profícuo entre teoria e prática.

Organizando as salas

Finalizado o ano letivo de 2011, estávamos diante do novo ano e disponíveis a realizar novos experimentos. Nosso janeiro de férias deu lugar a um mês de arregaçar as mangas para destruir padrões arraigados e construir um novo ambiente para acolher nossas ideias. As mesas e as cadeiras já não eram mais tão fundamentais; os materiais particularizados das professoras se transformaram em bens necessários ao objetivo coletivo que nascera conjuntamente. Muito entulho foi eliminado e muitos objetos adquiridos pela comunidade e pelo movimento da nossa equipe foram compondo aquilo que estávamos visualizando, mas que não sabíamos ao certo como funcionaria. No



entanto, sabíamos que a proposta das salas temáticas não poderia vir a limitar os princípios pedagógicos da Educação Infantil aos espaços específicos que estavam surgindo em nosso ambiente escolar. A seguir, uma breve descrição de cada ambiente que surgiu:

- **Artes** Pincéis, tintas, tesouras, aventais, jornais e revistas, papéis diversos, sucatas, cola e massa de modelar são alguns dos instrumentos utilizados nesse espaço para a criança “pintar e bordar”. O ambiente se configurou numa espécie de ateliê, em que a criança cria, recria, se deleita e se surpreende com as possibilidades artísticas que podem ser direcionadas por entre as linguagens que fazem parte de sua etapa educativa.
- **Movimento²⁰ e audiovisual** Sem mesas no espaço, esse ambiente foi pensado para o trabalho expressivo-corporal da criança. Há uma “arara” com fantasias para os momentos de faz de conta, pneus, bambolês, colchonete, cordas, bola, TV, aparelho de DVD, som. Neste espaço também montamos cenários para trabalhar determinados temas.
- **Brinquedoteca** Neste espaço, reservamos um ambiente para as crianças manusearem livremente diversos gêneros de leitura e vivenciar momentos de contação de histórias e de penetração no mundo da imaginação. Há também uma estante com brinquedos e fantoches, um cesto com bichinhos de pelúcia e blocos de encaixe e dominós lúdicos.
- **Atividades gerais** Este é o ambiente que mais se assemelhou ao cenário anterior de todas as salas: mesinhas e cadeiras para o exercício mais sistemático do desenvolvimento da escrita das crianças. Alocamos nesse ambiente os armários das professoras, para centralizar os materiais de uso pedagógico necessários à rotina de cada turma.

Em cada ambiente, afixamos um calendário móvel com ano, mês, data e dia da semana e um quadro de pregas para a mobilidade das fichas com os nomes das crianças de cada turma. As paredes viraram murais coletivos e o senso de bem comum a todos brotou, tra-

 **20** Como nessa instituição o único lugar para brincadeiras externas é a quadra e este é um ambiente pouco estimulador, foi muito importante criar um espaço sem mobiliário, que pudesse favorecer as atividades corporais mais amplas.



zendo à tona o cultivo do cuidado para manter os ambientes continuamente prazerosos no nosso dia a dia.

Os ambientes²¹ foram montados e um esquema de rodízio foi estruturado. A seguir, um exemplo de planejamento de uma turma:

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
7h30 — 9h30	artes	atividades gerais	movimento	brinquedoteca	artes
9h30 — 11h30	movimento	brinquedoteca	artes	atividades gerais	movimento

Nossa rotina, basicamente, é organizada da seguinte forma: iniciamos com um acolhimento, no qual cantamos, conversamos sobre novidades, quantificamos os presentes, ajustamos o calendário, distribuimos as fichas dos nomes, contamos ou lemos histórias. Após o acolhimento, vivenciamos o plano de aula do dia, adaptado ao ambiente em que estamos. Chegando o horário do recreio, as crianças são levadas à quadra e, após esse momento, as turmas retornam ao ambiente em que estavam; as crianças pegam suas mochilas e transitam para outro ambiente, de acordo com a distribuição do dia. Acomodadas no outro ambiente, as crianças merendam e, depois, as professoras seguem seu planejamento do dia, também adaptado ao ambiente em que se encontram. Ao fim do dia, os pais/responsáveis se dirigem às salas para pegar as crianças. Na porta de entrada, há um cartaz que informa a sala em que as turmas se encontram em cada dia da semana.

O trabalho com as salas temáticas tem sido bastante desafiador para o nosso grupo. As resistências no início do ano foram muitas e os medos também. A desistência passou pelas mentes de algumas de nossas professoras. Mas apenas passou... Passou e foi embora para longe! Ainda estamos em processo de adaptação, aperfeiçoamento e avaliação contínua do nos-



21 “Um ambiente é um sistema vivo em transformação. Mais do que um espaço físico, inclui o modo como o tempo é estruturado e os papéis que devemos exercer, condicionando o modo como nos sentimos, pensamos e nos comportamos, e afetando dramaticamente a qualidade de nossas vidas.”

EDWARDS, CATHERINE; FORMAN, GEORGE E GANDINI, LEILA, 1999



so trabalho. Porém já chegamos a uma ideia conjunta de que não conseguimos mais fazer o nosso papel pedagógico da forma como fazíamos antes: segmentada, particularizada, sem brilho e cor.²²

A rotina da Educação Infantil se transforma dia a dia com uma novidade diferente, com a sede da tríade professoras-supervisora-gestora em buscar cotidianamente novas vivências, fazendo-as crescerem enquanto profissionais e seres humanos. E mais: realizando uma prática educativa prazerosa, divertida, humana e propiciadora de um crescimento qualitativo perceptível no desenvolvimento das crianças. Esta é a nossa inspiração de cada dia, que nos desafia, nos inquieta e, sobretudo, nos impulsiona a tornar real aquilo que sonhamos.



22 Em muitos momentos do relato ficou clara a força do trabalho em grupo para a estruturação das salas temáticas. Segundo Marchesi (2008), a colaboração entre professores é o primeiro passo para uma atividade educativa equilibrada e eficaz. O passo seguinte é a existência de um projeto comum. Ao assumir o desafio de estruturar espaços com melhores condições de atendimento às crianças, a equipe dessa instituição mobilizou boa parte dos profissionais para esse fim e, com esta tarefa compartilhada, pôde promover não só ambientes de melhor qualidade para as crianças, mas também um ambiente mais desafiador e mobilizador para os professores, que se sentem mais valorizados e capazes

Núcleos de atividades



MARIA EUGÊNIA DE SOUZA COORDENADORA
LIA RAQUEL GOMES DE MELO GESTORA

CMEI TERESA DE CALCUTÁ, CRIANÇAS DE 3 A 5 ANOS, TERESINA · PI

Durante as formações do eixo *Assim se Organiza o Ambiente*, os professores do CMEI refletiram que preparar ambientes com novas e diferentes possibilidades é uma excelente maneira de estimular o aprendizado intenso e significativo na Educação Infantil.

A proposta de inovar a aprendizagem realizando “Núcleos de atividades coletivas”, apresentados no vídeo *Assim se Organiza o Ambiente*, foi da coordenadora Eugênia. A ideia foi um convite para estimular a equipe do CMEI a experienciar, juntamente com as crianças, atividades que promovam relacionamentos agradáveis,²³ ambientes atraentes e a oportunidade de escolha²⁴ aos pequenos sobre de qual brincadeira participar, pelo tempo que desejarem. Cada núcleo foi acompanhado por uma professora, para assim orientar a criançada, de acordo com o proposto pela Escola Grão da Vida no vídeo do projeto.

Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais, “a capacidade de realizar escolhas amplia-se conforme o desenvolvimento dos recursos individuais e mediante a prática de tomada de decisões. Isso vale tanto para os materiais a serem usados como para as atividades a serem realizadas. Podem-se criar situações em que as crianças fazem suas escolhas entre várias opções, em locais distintos ou no mesmo espaço. Esta pode representar uma ótima oportunidade de integração entre crianças de diferentes idades” (RCNEI, VOL. 2, P. 39).



23 “Respeitar a criança é não limitar suas oportunidades de descoberta, de conhecê-la verdadeiramente para proporcionar-lhe experiências de vida ricas e desafiadoras, é procurar não fazer por ela, auxiliando-a a encontrar meios de fazer o que quer, é deixá-la ser criança. Respeitá-la é oferecer-lhe um ambiente livre de tensões, de pressões, de limites às suas manifestações, deixando-a expressar-se da maneira que mais lhe convém e buscando entender o significado de todas as suas ações”

HOFFMAN, JUSSARA E SILVA M.
BEATRIZ G., 2007



24 Colocar as crianças no centro do planejamento pedagógico significa compreender que elas têm ritmos, desejos e necessidades diferentes que precisam ser respeitados. A organização por núcleos pode ensinar muito sobre a possibilidade de ter mais flexibilidade na estruturação da rotina. Isso significa pensar: na rotina, em que momentos a criança pode escolher o que deseja realizar? Como a organização do ambiente pode contribuir para que ela tenha ricas opções de aprendizagem?





Agora, todas as sextas-feiras as crianças do CMEI têm à sua disposição diferentes espaços organizados para promover a integração entre elas e os professores.²⁵ Nos núcleos são realizadas diferentes atividades envolvendo o brincar, a arte, a música, a contação de histórias, entre outras, tendo como base os eixos do projeto.

A proposta dos núcleos também se constitui uma boa forma de articular todos os eixos do projeto na prática pedagógica e na rotina do CMEI, um desafio lançado pelo projeto.

Os benefícios dos núcleos já são notados pelos professores, que dizem ter percebido grande interesse das crianças pelas atividades lúdicas, o que facilita o ensinar brincando.²⁶ “Os pais queriam saber que atividades estavam sendo realizadas no CMEI, pois as crianças chegavam em casa eufóricas dizendo gostar muito da escola.” (professora Joselene Quaresma)

As professoras Joselene Quaresma e Leonília Brito registraram alguns depoimentos das crianças:

- “Hoje tem brincadeiras no pátio?” ANDERSON GABRIEL, 5.
- “Posso brincar em todas as brincadeiras?” RAILSON, 5.
- “Fiquei muito feliz com as brincadeiras” KARINA, 5.

Esse resultado só ressalta a importância da valorização dos espaços e suas múltiplas linguagens, tão bem descrita no vídeo do Paralapraca e ressaltada no Caderno de Orientação pelos especialistas.

As discussões apresentadas foram significativas, instigantes e o resultado são professores mais comprometidos, mais seguros e desafiados a promover mudanças significativas no seu fazer pedagógico.



25 Por que muitas vezes evitamos o contato de crianças de diferentes idades? Qual é a importância dessa interação? O que elas podem aprender convivendo com crianças maiores e menores?



26 As crianças demonstram grande interesse porque têm garantido o seu direito de ESCOLHER! Pense nisso! Saiba mais no Caderno de Orientação *Assim se Organiza o Ambiente*, na seção *O ambiente e a autonomia da criança*.

Lá

- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. *Práticas cotidianas na Educação Infantil — bases para a reflexão sobre as orientações curriculares* — MEC/SEB, Brasília, DF: 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, vol. 2, Brasília: MEC/SEF. 1998.
- BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e Cultura*. São Paulo: Cortez, 1995.
- EDWARDS, Catherine; FORMAN, George e GANDINI, Leila. *As cem linguagens da criança*. Porto Alegre, Artmed, 1999.
- FALK, Judit. *Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy*. Araraquara: JM Editora, 2004.
- FORNEIRO, Lina I. *A organização dos espaços na Educação Infantil*. In: Qualidade em Educação Infantil. ZABALZA, M. A. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- HOFFMAN, Jussara e SILVA M. Beatriz G. *Ação Educativa na Creche*. Ed. Mediação, 2007
- MARANHÃO, D.G. *Saúde e bem-estar das crianças: uma meta para educadores, familiares e profissionais de saúde*. Brasília (DF), 2010. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento. Perspectivas Atuais, Belo Horizonte, novembro de 2010.
- MARCHESI, Álvaro. *O bem-estar dos professores: competências, emoções e valores*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- SCHMITT, Rosinete V. *Mas eu não falo a língua deles!: as relações sociais de bebês num contexto de Educação Infantil*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Samia, Mônica Martins *Caderno de experiências: assim se organiza o ambiente* / [autoria Mônica Martins Samia ; curadoria Avante – Educação e Mobilização Social, Instituto C&A]. -- 2. ed. -- Salvador, BA : Avante – Educação e Mobilização Social, 2018. -- (Coleção Paralapracá)

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-60828-23-4

ISBN 978-85-60828-13-5 (coleção)

1. Coordenadores pedagógicos 2. Educação infantil 3. Educadores - Formação 4. Formação continuada 5. Paralapracá I. Avante – Educação e Mobilização Social. II. Instituto C&A. III. Título. IV. Série.

18-13597

CDD-372.21

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação infantil 372.21

Esta publicação foi escrita por muitas mãos! As mãos de quem viveu ou testemunhou as experiências: professores/as, coordenadores/as e gestores/as das instituições de Educação Infantil parceiras do Paralapracá. As mãos e o olhar cuidadoso de estudiosos da Educação Infantil que realizaram o diálogo teórico e contribuíram com elementos reflexivos. As mãos laboriosas das assessoras e supervisoras do Paralapracá que contribuíram de forma especial para a coleta dos registros. As mãos de diferentes colaboradores que se debruçaram sobre os registros e os organizaram, mantendo a riqueza das experiências e articulando-os para melhor apreciação. A todos, o nosso reconhecimento, respeito e admiração!



